

O DISCURSO DOS PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO SOBRE A HOMOAFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Fábio Augusto Lise¹
Edinara Rocha Bernieri²
Ana Paola Grando³

RESUMO

A homoafetividade no contexto escolar é um tema polêmico, complexo e relevante, gerando a necessidade de que professores possam refletir sobre suas visões, ideologias e práticas em relação a essa questão em sala de aula. Considerando isto, neste trabalho objetivou-se compreender o discurso dos professores de ensino médio sobre a homoafetividade no contexto escolar. Para tanto, a pesquisa segue um enfoque qualitativo, buscando compreender os conceitos e definições sobre a homoafetividade que são operacionalizados no discurso de oito docentes atuantes em uma escola da rede pública municipal. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e também por meio de uma entrevista coletiva (grupo focal); os discursos foram audiogravados e, posteriormente, transcritos. Nos resultados obtidos evidenciaram-se vários sentidos atribuídos à homoafetividade. Foi marcante nos participantes uma definição da homoafetividade como uma questão de escolha individual, conceito carregado de preconceito e gerador de discriminação, segundo autores da Psicologia. Também, ao se pensar sobre como lidam com a diversidade sexual na escola os professores manifestaram terem medo e dificuldade em discutir o assunto, seja com estudantes, seja com colegas. A evidência principal do estudo foi a dificuldade dos professores em compreender a homoafetividade como mais uma das diversidades humanas. Dessa forma, neste estudo destaca-se a importância de esses temas referentes à diversidade humana fazerem parte das formações e discussões de professores de ensino médio.

Palavras-chaves: Homoafetividade. Gênero. Discurso. Professores do ensino médio. Contexto escolar.

1 INTRODUÇÃO

A homoafetividade é um tema que envolve questões psicossociais, valores, interpretações e demais conceitos coletivos presentes em nossa realidade social. A sociedade, apesar de adotar como correto prezar pelos direitos individuais e pelo tratamento igualitário a todos, possui dificuldade em respeitar as diversidades sexuais. Por muitas vezes as minorias sexuais acabam sofrendo com as discriminações sociais, sendo estas, por vezes, camufladas por discursos “do politicamente correto” e chegando até a gerar formas de violência.

De acordo com Brandão (2002, p. 15), o termo homossexual foi utilizado primeiramente em 1869 pelo médico húngaro Karoly Benkertm; “surgiu de uma carta escrita por ele ao Ministério da Justiça da Alemanha do Norte em defesa dos homens homossexuais que estavam sendo perseguidos por questões políticas.” De certa forma, até o século XIX, não havia divisão de termos que categorizassem a sexualidade, somente a partir desse momento histórico que se passou também a conceituar heterossexualidade.

De fato, o início dos estudos sobre a homoafetividade foram produtores de estigmas e preconceitos com essa minoria. Todavia, é interessante destacar que somente a partir do século XIX é que a homoafetividade não seria mais

¹ Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Psicólogo; Docente do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; fabio.lise@unoesc.edu.br

² Psicóloga egressa do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; edinarabernieri.psic@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Psicóloga; Docente do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê.

considerada pecado, mas uma doença. Sob essa perspectiva, tem-se o surgimento do termo homossexualismo, com a inclusão do sufixo “ismo” utilizado para caracterizar doenças. Por muito tempo ainda essa concepção foi adotada e transitou na sociedade como uma ideia de disfunção, anormalidade, como destacado por Vecchiatti (2008, p. 93-94).

Posteriormente, tem-se a definição de homossexualidade referindo-se à orientação sexual, já que não era mais considerada uma doença, porém não perdurou por muito tempo, visto que o termo: “[...] homoerotismo é preferível à ‘homossexualidade’ ou ‘homossexualismo’ porque tais palavras às remetem a quem as emprega ao vocabulário do século XIX, que deu origem à ideia do ‘homossexual’.” (COSTA, 1992, p. 11, grifo do autor). As definições de homossexualismo e homossexualidade estão relacionadas a uma compreensão do século XIX e XX, na qual se pode considerar o início e consolidação de uma sociedade homofóbica, representando, desse modo, uma tendência de ostentação de ideologias e agressões contra essa minoria (VECCHIATTI, 2008, p. 96). Então, conforme Vecchiatti (2008, p. 77, grifo do autor) “No que tange à questão terminológica, foram cunhados os termos *homoerotismo*, *homoafetividade* e *homoessência* como forma de se retirar a carga pejorativa existente no termo *homossexualismo*.” Enfim, pode-se dizer que a definição dessas terminologias compreende a matéria dos direitos humanos, a que é essencialmente importante à constituição humana.

Os estudos acerca da homoafetividade estão sendo muito explorados atualmente e possuem características distintas. No texto de Dias (2011, p. 1) é possível refletir sobre a construção de estigmas e preconceitos a respeito da terminologia da palavra homoafetividade, pois a autora salienta que: “[...] há palavras que carregam o estigma do preconceito.” Também, destaca que a mudança para o termo homoafetividade é recente, isto porque se necessitava da visibilidade dos vínculos afetivos que envolvem pessoas da mesma identidade sexual. Ou seja, a palavra não pode eliminar preconceitos e/ou estigmas na sociedade, mas foi uma definição importante nesse sentido, para ressaltar a presença dos vínculos afetivos que constitui um aspecto essencial para a defesa dos direitos dessa minoria na sociedade.

No Brasil, a trajetória da homoafetividade é marcada por repressão até o final do século XX. Alguns historiadores marcam o contato com as práticas homossexuais no território brasileiro com a vinda dos colonizadores. A prática da pederastia institucionalizada era comum também entre as tribos indígenas, o que gerou o desprezo de uma cultura, influenciado pela crença religiosa dos judeu-cristãos (VECCHIATTI, 2008, p. 64).

A partir disso, é possível dizer que as desconstruções de alguns conceitos foram ganhando mais atenção, e percebe-se que tais atribuições quanto à causa e origens da homoafetividade são polêmicas até hoje. No entanto, passou-se a enfatizar os preconceitos, discriminações e comportamentos homofóbicos que enfrentam os homoafetivos na sociedade.

Nesse sentido, observa-se a preocupação com o estudo acerca do tema homoafetividade no contexto escolar. Pois a todo momento o ambiente escolar é um espaço de experimentação: seja nas mais variadas formas de brincar, de se relacionar, seja pelo desejo de conhecer (BENTO, 2011, p. 551). Porém, entre essas diversas possibilidades, alguns comportamentos podem ser recusados, aceitos, conceituados como apropriados ou inapropriados conforme as regras ditadas pelos atores sociais integrantes desses grupos de socialização. Assim, torna-se relevante compreender o discurso dos professores de ensino médio sobre a homoafetividade no contexto escolar, pois esse conhecimento poderá contribuir no desenvolvimento de atividades na educação, bem como nas diversas realidades que envolvem a escola pública e a sociedade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para trabalhar um tema tão complexo como a homoafetividade, escolheu-se por realizar uma pesquisa participante, considerando que este método poderia criar alterações no ambiente, e também contribuir para compreender o fenômeno. Dessa forma, além de somente entrevistar individualmente os professores, também foi organizado um encontro coletivo com a finalidade de proporcionar um espaço para que os participantes pudessem repensar atitudes e ideologias, podendo, ainda, rever o lugar que a diversidade sexual ocupa no espaço da escola.

Para a operacionalização do estudo, inicialmente realizou-se a seleção da escola, seguida do contato e convite aos professores para participarem da pesquisa. Foram selecionados professores que trabalham especificamente com o ensino médio de uma escola da rede pública estadual, dos sexos feminino e masculino, com idades entre 20 e 45 anos, habilitados para lecionar e que estavam cursando ensino superior em alguma área da licenciatura.

A primeira ferramenta de coleta de dados foi uma entrevista composta por 10 perguntas semiestruturadas. Após os oito participantes terem sido entrevistados individualmente, foi marcado um encontro coletivo com todos eles. Nesse encontro realizou-se o grupo focal, no qual somente sete professores estiveram presentes.

O grupo focal consistiu na realização de duas atividades. Sendo a primeira em que os participantes assistiram a um filme de curta metragem e, posteriormente, discutiram sobre o tema do estudo. No segundo momento foram apresentadas aos participantes imagens impressas com cenas de afeto entre pessoas do mesmo sexo, e os professores foram instruídos a manifestarem seus sentimentos em relação às fotos. Ambas as atividades tiveram como objetivo propor a discussão coletiva sobre as questões de gênero e da homoafetividade no espaço escolar. O encontro teve aproximadamente uma hora de duração; as informações foram gravadas, filmadas e, posteriormente, transcritas.

Cada professor foi entrevistado de acordo com sua disponibilidade de tempo e em cada entrevista foram expostos os objetivos do estudo, respeitando os princípios éticos da pesquisa, bem como a autonomia e a dignidade dos sujeitos estudados. Frisa-se que o objeto de estudo deste artigo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Oeste de Santa Catarina, e foi disponibilizado aos participantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Termo de Uso de Imagem e Gravações. Qualquer tipo de informação que pudesse possibilitar a identificação dos sujeitos foi substituída a fim de preservar a identidade dos participantes. Os nomes dos participantes foram substituídos pelas respectivas disciplinas que lecionam: Biologia, Informática, Educação Física, Matemática, Língua Portuguesa, Inglês e Artes. Para diferenciar o único homem participante da amostra, utilizou-se a nomenclatura Historiador.

A análise dos dados ocorreu por meio do método Análise de Discurso, com o qual se realizou a compreensão global dos discursos e dos conceitos utilizados para operacionalizar as falas sobre homoafetividade, conforme apresentado a seguir. Em virtude da grande quantidade de dados coletados, optou-se neste momento por realizar um tratamento mais detalhado somente dos discursos que se referissem diretamente ao objetivo do estudo, deixando as demais informações para serem analisadas em outros artigos.

3 CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE A HOMOAFETIVIDADE

No entendimento acerca do fenômeno da homoafetividade há uma predominante e evidente carga pejorativa atribuída pela própria sociedade contribuindo para consolidar práticas estigmatizadas advindas de um constructo histórico, pois a própria constituição do sujeito homossexual é também uma constituição histórica (FERRAZ, 2005, p. 80). Nesse sentido e no que se refere à inserção da temática da homoafetividade e gênero inseridos no contexto escolar e na prática cotidiana dos professores, Britzman (2001, p. 85) afirma que: “a cultura da escola faz com que respostas estáveis sejam esperadas e que o ensino de fatos seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas.”

Britzman (2001, p. 85) considera, além disso, que “nessa cultura, modos autoritários de interação social impedem a possibilidade de novas questões e não estimulam o desenvolvimento de uma curiosidade que possa levar professores e estudantes a direções que poderiam se mostrar surpreendentes.” Neste estudo tal cultura pode ser percebida na predominância de discursos que definem a homoafetividade como sendo uma escolha pessoal.

[...] tenho respeito por essas pessoas, porque eles são pessoas como a gente, [...] a gente vive num mundo em que cada um faz as suas escolhas, e acho que é um direito deles se sentirem dessa forma. (Artes, 24 anos).

[...] eles têm essa opção sexual, e na vida do dia a dia do trabalho eles tem que ser igual a todos, né. (Historiador, 41 anos). (informações verbais).

Considerando tais posicionamentos, são encontradas nesse âmbito definições do senso comum usadas para caracterizar o entendimento referente à homoafetividade. A esse respeito seguem alguns dos conceitos utilizados pelos professores ao definirem os homossexuais masculinos: “[...] são aqueles que ficam seduzindo os outros homens, no caso.” (Língua Portuguesa, 42 anos) (informação verbal).

Outro termo utilizado nos discursos dos participantes é a palavra “coisa” usada para se referir à homoafetividade, o que pode sugerir um sentido de estranhamento, algo indefinido, diferente do normal. Darde (2008, p. 227) explica essa tendência dizendo que nossa sociedade é organizada sob normas “sendo que tudo que se opõe ou se diferencia dela é considerada ‘o outro’, como ‘desviante’.” Assim, o termo “coisa” pode ser o substitutivo de uma palavra que não pode ser falada, que deve ser velada. Saraiva (1999, p. 33) salienta que o não falar ganha significado na medida em que “Os estereótipos influenciam na percepção que os indivíduos têm de si próprios e dos outros e, portanto, influenciam nas

relações interpessoais.” Considerando as conclusões da autora, pode-se dizer que os discursos dos participantes do estudo reforçam o estereótipo da homoafetividade como algo feio, errado e anormal, algo que não se ousa se referir diretamente.

A partir dessas considerações é necessário ressaltar que há uma predominância de uma carga pejorativa a que a própria sociedade contribui para consolidar a homoafetividade. Ferraz (2005, p. 80, grifo nosso) destaca que “O sentido de ‘homossexualidade’ está intimamente ligado à produção histórica de subjetividade moderna, ao homem psicológico, dotado de uma interioridade que passará, cada vez mais ao longo do século XXI, a ter no desejo seu segredo e sua chave interpretativa.” E ainda, abordando tal conceito, aponta que esse “processo apoiou-se em uma intensa sexualização e medicalização dos corpos, no contexto de um bipoder, de uma biopolítica que Foucault soube tão bem caracterizar e circunscrever.” A participante Inglês, de 23 anos, evidencia bem essas questões em sua fala ao associar a falta de aceitação da homoafetividade a ideologias religiosas: “Longe de mim tudo bem, eu não gosto de ver essa coisa, porque eu acho, eu tenho, assim na minha crença que Deus fez o homem, fez a mulher um para um, outro para outro e deu, né.” (informação verbal).

Dias (2011, p. 1) aponta que deveria haver reflexão sobre a construção de estigmas e preconceitos a respeito da terminologia da palavra homoafetividade, salientando que as palavras usadas ao se referir à homoafetividade já carregam estigmatizados os preconceitos. Analisando o discurso apresentado no parágrafo anterior, pode-se perceber o sentimento de repúdio ao visualizar uma situação de pessoas do mesmo sexo se relacionando. Porém, ao mesmo tempo, a fala apresenta uma contradição ao dizer que estaria “tudo bem” ter práticas homoafetivas em espaços reservados, possivelmente apresentando um receio em declarar seu preconceito. Assim, o “não ver” serviria como uma forma de assumir uma postura “politicamente correta” de não preconceito e tolerância. E o mais assustador dessa análise é considerar que a ideologia por traz do discurso – pode-se ser homoafetivo desde que bem longe de mim – é recorrente em várias das manifestações dos professores participantes do estudo. O que nos faz perceber a complexidade das estruturas de preconceitos em torno do assunto no contexto escolar.

Dinis (2006, p. 131) aponta que “essa dificuldade do espaço educacional em tratar de assuntos como a diversidade sexual talvez possa ser entendida pela predominância, nesta área, do conhecimento de proposições cristalizadas e essencialistas para pensar a identidade.” Isto se reflete em falas das professoras entrevistadas que utilizam expressões que afirmam que as relações homoafetivas devem ser tratadas “como se fossem normais”, estando impregnada ao discurso a estrutura ideológica “não são normais”. Ainda uma participante quando questionada acerca de como se relacionariam com um colega professor ou um estudante homoafetivo afirma: “eu acho que normal, eu não seria, mas acho que cada um cuida sua vida, [...] eles são mais queridos.” (Educação Física, 28 anos, informação verbal). Ou seja, o discurso é construído novamente com a ideologia de que embora os homoafetivos não sejam normais, devem ser tratados como se o fossem, embora nessa fala a professora expresse não ter certeza se os trata com normalidade.

As limitações de tal carência não permanecem somente em torno da revelação de uma falta de conhecimento a respeito do tema, sugere também um modo de pensar que tem origem em toda formação e prática diária dos professores no que se refere ao tema da sexualidade e, de maneira mais específica, à homoafetividade. Podemos ver isso nos discursos a seguir: “Olha, eu acho que isso é uma coisa que seria normal [...] levaria assim como uma coisa normal, cada um tem sua vida, sua opção [...]” (Matemática, 23 anos, informação verbal). Logo outro participante também comenta sobre tal questão “[...] normal de uma pessoa como qualquer outra pessoa, não tem diferença nenhuma, acho que quando você tá decidido com a sua, a sua opção sexual não vai ter nenhum problema, mesmo que você tenha aluno com isso você vai poder trabalhar [...]” (Historiador, 41 anos, informação verbal).

Algumas questões desses discursos relacionam-se com a normalidade, em vista que as expressões denotam para o “parecer normal”, mas na verdade o olhar voltado para os homoafetivos seria o de “diferente”, por isso somente “parecem normais”. Nesse sentido, e trazendo a concepção de Louro (2001, p. 26, grifo do autor) convém apontar:

[...] a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade “normal” e, de outro, simultaneamente, contê-la. Um homem ou uma mulher “de verdade” deverão ser necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso.

Os professores são sujeitos históricos e contingentes e nem sempre conseguem escapar/destacar-se dos enraizados valores. “Para que ações menos preconceituosas e posturas dialógicas com os alunos ‘homossexuais’ de fato possam ocorrer [...] a formação profissional do professor deve ser repensada e construída a partir de valores não heterossexistas.” (ROSA, 2004, p. 115). Parece estar claro nos dados coletados neste estudo que alguns professores apresentaram em seus discursos traços marcantes da normatividade sexista. Como salienta Louro (2004, p. 61): “Ali [na escola] se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar, e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheçam os sons, os cheiros e os sabores ‘bons’ e decentes e rejeite os indecentes.”

4 DIFICULDADES EM SE TRABALHAR COM A QUESTÃO DE GÊNERO NA ESCOLA

Trabalhar o tema da homoafetividade no contexto escolar torna-se de primordial importância para a diminuição do preconceito, tão presente em nossa sociedade, em relação às diversidades sexuais. O Ministério da Educação (BRASIL, 2005, p. 4) reconhece que “a escola, juntamente com outros espaços sociais, cumpre um papel na reprodução de mecanismos relativos à dominação masculina e heteronormativa” e nessa concepção apresenta as dificuldades encontradas no sistema público de ensino de tornar a escola “um local privilegiado para a construção de uma consciência crítica e de desenvolvimento de práticas que se pautem pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos, contribuindo para alterar o quadro dessa dominação.” (BRASIL, 2005).

Os discursos da maioria dos professores participantes do estudo revelam a dificuldade encontrada em trabalhar com as questões de gênero e em abordar a diversidade sexual na escola, pois, por várias vezes, relataram estar despreparados para falar ou para propor uma discussão relativa à homoafetividade. Ou seja, fica evidente a ideologia de que esse tipo de assunto deve ser tratado por outros profissionais, na expressão dos participantes, mais preparados: “Não sei te dizer, assim, na minha aula não vejo o que teria para ser trabalhado. Acho que a biologia, ciências, que trabalham mais sobre reprodução, corpo humano, que falam mais dessa questão [...]” (Matemática, 23 anos, informação verbal). Porém a professora da área de biologia também expressa não estar preparada para trabalhar com tal tema: “Ah! A questão mais que eu acho que poderia ser trabalhado é fazendo palestras com a questão do preconceito, não só dos alunos entre eles, mas com os professores, trazer alguém habilitado que entenda disso, porque acho que muitos têm dificuldade.” (Biologia, 24 anos, informação verbal).

Dessa forma, pode-se concluir que os participantes do estudo partem da crença que trabalhar questões referentes a diversidades sexuais são complexas demais para serem assuntos transversais que possam ser abordados em todas as disciplinas, sempre solicitando uma figura de um especialista para trabalhar tal tema.

Do ponto de vista de Dinis (2008, p. 448): “discutir novas políticas de inclusão das minorias sexuais e de gênero exige, por parte dos educadores, uma experimentação de novas formas do uso da linguagem que possam produzir resistência a padrões sexistas ou homofóbicos.” Já Jardim e Bretas (2006, p. 160) consideram que deveria haver uma preparação dos professores para “polemizar, lidar com valores, tabus e preconceitos, mas, continuam sem subsídios adequados para trabalhar essas questões e acabam dando a elas enfoque totalmente biológico com a função de preservar o educador frente aos alunos com relação aos seus próprios questionamentos” e, ainda, com seus receios e ansiedades diante da temática.

Nesse sentido, é interessante mencionar o discurso de outra participante: “Hoje a gente vai falar sobre homoafetividade e tal, aí o aluno chega em casa e diz para o pai: olha a professora tá defendendo os gays.” (Artes, 24 anos, informação verbal). Nessa fala a professora reconhece a importância da discussão do tema na escola, porém é nítida nos discursos a presença de uma ideologia de que homoafetividade é algo que pode ser induzida. Ou seja, que o falar sobre o assunto poderá contribuir para que os estudantes venham a ser homoafetivos. E essa crença deriva da ideologia que é a principal geradora da homofobia, a crença que considera a diversidade sexual como algo ruim, que gera sofrimento e que precisa ser evitada.

Analisar isso nos faz refletir sobre a afirmação de Britzman (1996, p. 92): “se os educadores quiserem ser eficazes em seu trabalho com todos os jovens devem começar a adotar uma visão mais universalizante da sexualidade em geral e da homossexualidade em particular.” Porém o principal desafio para a realização deste trabalho dos educadores

descrito por Britzman, está em educar os próprios educadores para ao invés de visualizar a questão da homoafetividade como sendo de interesse “apenas para aquelas pessoas que são homossexuais [...]” para também compreender que “[...] os discursos dominantes da heterossexualidade produzem seu próprio conjunto de ignorâncias tanto sobre a homossexualidade quanto sobre a heterossexualidade.” (BRITZMAN, 1996, p. 92).

Eu acho que é bem complicado, né? A gente fala que não tem preconceito, mas a gente não vive o mesmo que a pessoa que é gay e não sabe o que alguém que está passando por uma experiência assim vive realmente. Porque eu acho que para eles deve ser muito sofrido saber que se é assim, né? E não poder falar para ninguém, ter que se esconder, né? Quando é com a gente acho que a gente lida sei lá, ou aprende. Mas para mim é difícil aceitar, acho que pra todo mundo deve ser, né? (Biologia, 24 anos, informação verbal).

Tal colocação traz o reconhecimento, por parte da professora das dificuldades enfrentadas pelos homoafetivos. Ao realizar essa reflexão empática admite sua dificuldade, que pode ser a mesma de outros professores, em aceitar a homoafetividade. Reconhecer o sofrimento das minorias sociais e compreender a influência de ideologia presente em todos, ideologia que conduz à exclusão de pessoas que se diferem da norma socialmente instituída, pode ser o primeiro passo para mudança de uma sociedade. Então, para que todos os profissionais da educação possam refletir empaticamente, como a participante citada, faz-se necessário articular e disseminar informações que permitam reconhecer e perceber a existência e a importância da diversidade humana.

5 CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou compreender alguns dos discursos sobre a homoafetividade de professores de uma escola da rede pública estadual atuantes no ensino médio. Percebeu-se que persiste a noção de homoafetividade como uma questão de escolha pessoal e compreendida pelos participantes do estudo como algo não natural. Na maioria das falas dos professores, inicialmente apresentaram conceitos positivos sobre a homoafetividade, derivados principalmente de discursos midiáticos e considerados “politicamente corretos”. Porém ao se analisar mais profundamente seus discursos foi possível perceber as suas contradições. Pois, escondidos em aparentes discursos de tolerância e aceitação da diversidade sexual, havia falas impregnadas de conceitos heteronormatizantes e preconceituosos.

Assim, estudar sobre as compreensões da homoafetividade é relevante em todos os espaços, não apenas no contexto escolar. Nesta pesquisa se propôs contribuir para o avanço do conhecimento sobre o assunto. Esses conhecimentos poderão fundamentar a organização e o desenvolvendo de atividades nas escolas que visem à diminuição do preconceito e a inclusão efetiva dos homoafetivos na realidade da escola. Pretendeu-se com este estudo contribuir para a modificação da realidade, ampliando o diálogo sobre a homoafetividade e possibilitando um repensar de estratégias que diminuam a discriminação à diversidade sexual.

The middle school teachers 'speech on homoafetivity in the school context

Abstract

Homoafetivity in the school context is a polemic subject, complex and relevant, generating the need for teachers to reflect on their visions and ideologies and practices with the use of this issue in the classroom. Considering this, this work aimed to understand the discourse of high school teachers about homoafetivity in the school context. Therefore, the research follows a qualitative approach seeking to understand the concepts and definitions about homoafetivity that are operationalized in the discourse of eight teachers working in a municipal public school. The data collection was done through a semi-structured interview, and also through a press conference (focus group) the speeches were audio-taped and later transcribed. The results obtained evidenced several meanings attributed to homoafetivity. It was remarkable in the participants a definition of homoafetivity as a matter of individual choice, concept loaded with prejudice and generating discrimination according to authors of Psychology. Also, when thinking about how they deal with sexual diversity in school, teachers expressed fear and difficulty in discussing the matter with students or colleagues. The main evidence of the study was to teachers' difficulties in understanding

homoafetivity as another of the human diversities. Thus, this study highlights the importance of these themes concerning human diversity to the formations and discussions of high school teachers.

Keywords: Homoafetivity. Gender. Discourse. High school teachers. School context.

REFERÊNCIAS

- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 336, maio/ago. 2011.
- BORGES, Z. N.; Meyer, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, p. 59-76, 2008.
- BRANDÃO, D. V. C. **Parcerias homossexuais**: aspectos jurídicos. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.
- BRASIL. **Termo de Referência**: Instruções para Apresentação e Seleção de Projetos de Capacitação/Formação de Profissionais da Educação para a Cidadania e a Diversidade Sexual. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005.
- BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 83-111.
- BUTLER, J. Corpos que pesam – sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- COSTA, J. F. **A Inocência e o Vício**: Estudos sobre o Homoerotismo. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- DARDE, V. W. da S. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2008.
- DIAS, M. B. Homoafetividade: um novo substantivo. **Aspx**, v. 77, p. 14, 2011.
- DINIS, N. F. Educação, cidadania e as minorias sexuais e de gênero. In: SCHMIDT, M. A.; STOLTZ, T. (Org.). -. 1. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006. p. 130-135.
- DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008.
- DUNKER, C. I. L.; NETO, F. K. Curar a homossexualidade? A psicopatologia prática do DSM no Brasil. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 425-446, jun. 2010.
- FERRAZ, M. C. F. Contribuições do pensamento de Michel Foucault para a comunicação. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, p. 69-83, 2005.
- GÓIS, J. B. H. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 336, jan./jun. 2003.
- JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2, p. 157-62, 2006.
- LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade. O normal, o diferente e o excêntrico. In: LOURO, L. G.; NECKEL, F. J.; GOELLNER V. S. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.
- LOURO, G. L. **Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MADLENER, F.; DINIS, N. F. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 19, n. 1, p. 49-60, 2007.

MOTT, L. Homo-Afetividade e Direitos Humanos. **Estudos Feministas**, v. 14, n. 2, p. 509-521, 2006.

OLIVEIRA, M. R. A.; MORGADO, M. A. Jovens, sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2006.

RODRIGUES, G. et. al. **A família do novo milênio – homoafetivos e suas relações interfamiliares**. 2007. Dissertação (Graduação em Jornalismo)–Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007.

ROSA, M. V. **Educação física e homossexualidade**: investigando as representações sociais dos estímulos do controle de desportos/UFSC. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SARAIVA, M. do C. **Co-educação física e esportes**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

STOLTZ, T. (Org.). **Educação, cidadania e inclusão social**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

VECCHIATTI, P. R. I. **Manual da homoafetividade**: da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2008.